

# JOÃOZINHO BEM-BEM E OS ANTIGOS: A HISTÓRIA DE UM HERÓI ATRAVÉS DE SUA ESTÓRIA

## JOÃOZINHO BEM-BEM AND THE ANCIENTS: THE HISTORY OF A HERO THROUGH HIS STORY

**Lorena Lopes da Costa<sup>1</sup>**

Endereço profissional: Universidade Federal do Oeste do Pará,  
Instituto de Ciências da Educação. Avenida Marechal  
Rondon Caranazal. Santarém, PA - Brasil.  
E-mail: lorenalopes85@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo busca se desenvolver em duas camadas, a história e a estória de um personagem, Joãozinho Bem-Bem, presente em dois textos de João Guimarães Rosa. Através da análise das anotações do autor de sua (re)leitura da *Iliada* e da *Odisseia* em 1950, explora-se o diálogo do herói do sertão rosiano, Joãozinho Bem-Bem, com a tradição épica, para dar continuidade ao trabalho de Ana Luiza Martins Costa (1997) e responder a ele. Tendo em vista a construção do código guerreiro e da identidade do herói antigo e moderno, em uma perspectiva comparativa, chama-se atenção para dois elementos: a *bela morte*, tomando-se como fonte o conto "A hora e a vez de Augusto Matraga" (1946), e o renome do guerreiro, seja em função de seus grandes feitos seja de sua *bela morte*, desta vez, sendo a fonte *Grande Sertão: Veredas* (1956).

**Palavras-chave** Herói épico; Herói rosiano; Renome

**Abstract:** This essay seeks to develop two layers: the history and the story of a character named Joãozinho Bem-Bem, present in two texts by João Guimarães Rosa. We emphasize the dialogue of João Guimarães Rosa's hero with the epic tradition, through the analysis of the author's annotations of his reading of the *Iliad* and the *Odyssey* in 1950, in order to develop the work of Martins Costa (1997) and to respond to it. Also, in an attempt to explore the construction of the ancient and the modern hero's identity and the warrior code, two elements are investigated in a comparative perspective: the way of death, for which the source is a short story from *Sagarana* (1946), and the fame of the warrior, whether due to the great deeds or his brave death - this time, having as source *The Devil to Pay in the Backlands* (1956).

**Keywords:** Epic hero; Backlands' hero; Glory.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta de Teoria da História na UFOPA. Doutora (2016), mestre (2012) e licenciada (2009) em História pela UFMG. Realizou o doutorado sob orientação do Prof. Dabdab Trabulsi, com período de doutorado-sanduíche de um ano (2015) sob a orientação do Prof. François Hartog, na EHESS - Paris.

(...) ela [a guerra]  
nos força novamente a ser heróis,  
que não conseguem crer na própria morte.<sup>2</sup>

## Introdução

João Guimarães Rosa data a leitura da *Iliada* e da *Odisséia* de 1950, ano em que termina de preparar a terceira edição de *Sagarana*. De acordo com as notas de seu “Diário em Paris”<sup>3</sup>, a revisão de *Sagarana* ocorre nos meses de maio a julho, e a leitura da *Iliada* e da *Odisséia*, em outubro e novembro de 1950<sup>4</sup>. Quatro anos antes das leituras, porém, o autor conta a João Condé:

Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro [Sagarana] se passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Aqui, caro Condé, findava a fase de premeditação. Restava agir. Então, passei horas e dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, ‘revendo’ paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã. O livro foi escrito - quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas - em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945 foi ‘retrabalhado’, em cinco meses de reflexão e de lucidez). Lá por novembro, contratei com uma datilógrafa a passagem a limpo. E, a 31 de dezembro de 1937, entreguei o original, às 5 e meia da tarde, na Livraria José Olympio. O título escolhido era ‘Sezão’; mas, para melhor resguardar o anonimato, pespeguei no cartapácio, à última hora, este rótulo simples: ‘Contos’ (título provisório, a ser substituído) por Viator. Porque eu ia ter de começar longas viagens, logo após.<sup>5</sup>

A gênese de *Sagarana* começa, portanto, muito antes da (re)leitura da poesia

---

2 FREUD, Sigmund. Obras completas. Volume 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 246.

3 ROSA, João Guimarães. Diário em Paris. Pastas E3 (1) e E3 (2) – França-Paris (121 pp.), Série “Estudos para a Obra”, In: Arquivo Guimarães Rosa (AGR), do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

4 As notas de leitura de Dante, Homero e La Fontaine podem ser datadas, segundo Ana Luiza Martins Costa, entre 1948 e 1951. Em primeiro lugar, por estarem junto com Artes, notas datadas de 1950 e 1951, datilografadas na mesma máquina e no mesmo tipo de papel. Em segundo lugar, porque em carta a Álvaro Lins, datada de dezembro de 1949, Rosa menciona a leitura da Divina Comédia<sup>4</sup>. Em terceiro, porque boa parte de suas notas de leitura da *Iliada* e da *Odisséia* utiliza-se da tradução para o inglês, e, conforme a lista de livros da Biblioteca Pessoal de Guimarães Rosa, levantada por Suzi Sperber, a tradução inglesa da *Odisséia* data de 1948 e a da *Iliada* de 1950. Por fim, porque em seu “Diário em Paris”, Rosa anota a leitura da *Iliada* (em 5 dias) e da *Odisséia*, em fins de outubro/ início de novembro de 1950: - dia 28/10: “Leio a *Iliada*”/ - dia 1/11: “Frio. Li a *Iliada*”/ - dia 3/11: “Começo a *Odisséia*”. Cf. ROSA, João Guimarães. Documento E17 - Caderno de notas de leitura da *Iliada* e da *Odisséia*, das *Fábulas de La Fontaine* e da *Divina Comédia*; e uma seção chamada Artes, com descrições de quadros contemplados em museus de Paris. Série “Estudos para a Obra”. In: Arquivo Guimarães Rosa (AGR), do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

5 ROSA, Vilma Guimarães. Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 333-334.

épica por Guimarães Rosa. Ele inscreve o volume *Contos*, no Prêmio Humberto de Campos, instituído pela Editora José Olympio em 1937<sup>6</sup>, mas não encerra o trabalho naquele momento. Para além desse testemunho, em carta dirigida ao pai, em 6 de novembro de 1945, o autor fala da fase de retomada dos originais, atualmente conservados nas pastas do Instituto de Estudos Brasileiros. Segundo o estudo de Sônia Lima<sup>7</sup>, nessa etapa, várias são as modificações, e, finalmente, "A oportunidade de Augusto Matraga" passa a ser "A hora e vez de Augusto Matraga". Publicado em 1946, pela Editora Universal, do Rio de Janeiro, e assinado por J. Guimarães Rosa (para o concurso, *Contos* era assinado por "Viator"), *Sagarana* exclui de seu conjunto "Uma história de amor" e "Questões de família". A gênese de *Sagarana*, enfim, estende-se por um longo período, que vai desde sua primeira gestação até a quinta publicação, quando o autor deixa de modificar os textos do livro, conforme indicam os documentos. Esse processo de criação de vinte anos (do primeiro exemplar inscrito no concurso de 1937 à quinta edição) parece demonstrar que o fato de publicar não põe fim, para o escritor, ao trabalho de escrever, corrigir e, como tentarei mostrar, atualizar seus personagens, recapturando sua biografia até mesmo em outras estórias.

Do processo de elaboração de *Sagarana*, chama-se atenção aqui para o momento que é concomitante à (re)leitura da épica grega por Guimarães Rosa. Como já se disse, João Guimarães Rosa faz em 1950 seu diário de leitura da *Ilíada* e da *Odisséia*, ano em que igualmente termina de preparar a terceira edição de *Sagarana*. Dado o teor das notas de leitura que compõem o caderno intitulado pelo autor de *Dante, Homero e La Fontaine*, em posse do IEB-USP, é bem provável que a reelaboração de *Sagarana* tenha influenciado sua decisão de reler os poemas de forma mais sistemática em 1950, bem como é provável que tais leituras tenham participado ativamente do destino e da caracterização de seus personagens enquanto heróis, como é o caso de Joãozinho Bem-Bem, o qual, presente em *Sagarana*, será retomado em *Grande Sertão: Veredas* - sendo este o trajeto a ser explorado pelo presente artigo. Por fim, uma tradução alemã da *Ilíada* e da *Odisséia*, adquirida durante sua estada na Alemanha (1938-42), onde se lê, na primeira página do livro, "Guimarães Rosa. Hamburgo, 27/8/1940", encontrada na Biblioteca Pessoal do autor, só reforça a ideia de que a gênese de criação e da elaboração rosiana da figura do herói atrela-se, por um lado, com seu contato com a guerra e, por outro, fortemente, com seu contato com os clássicos.

---

6 Segundo Sônia Lima, deste exemplar intitulado *Contos* só restou a informação de sua existência. O primeiro *Sagarana* conhecido começa, assim, com um exemplar inacessível e seu segundo exemplar, o volume *Sezão*, datilografado e encadernado em couro vermelho, sem rasuras, cuja data gravada na lombada é 1937, é uma cópia carbono. São 447 páginas numeradas de 1 a 444, a nanquim, no canto superior direito. O volume compõe-se das seguintes narrativas: SEZÃO, CONVERSA DE BOIS, A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO, DUELLO, MINHA GENTE, BICHO MÁU, CORPO FECHADO, ENVULTAMENTO, QUESTÕES DE FAMÍLIA, UMA HISTÓRIA DE AMOR, O BURRINHO PEDRÊS e A OPPORTUNIDADE DE AUGUSTO MATRAGA, seguidas por um posfácio: PORTEIRA DE FIM DE ESTRADA. Neste último texto, explica o autor: "'Sezão' e as outras histórias companheiras foram começadas e acabadas no formoso anno de 1937, precisamente entre 20 de Maio e 4 de Dezembro, e mais ou menos na ordem em que estão seriadas aqui" ROSA apud LIMA, Sônia Maria Van Dijk. Reconstituição da gênese de *Sagarana*. Revista Philologus, Rio de Janeiro, n.12, p. 33-40, 1998, p. 2.

7 LIMA, Sônia Maria Van Dijk. Reconstituição da gênese de *Sagarana*. Op. cit.

## O estudo de Guimarães Rosa sobre o herói homérico e prenúncios da *bela morte* no sertão

Fiquemos, por ora então, com os registros de leitura de 1950, a partir do mapeamento dessas anotações preparado de forma muito perspicaz e apresentado de maneira muito generosa por Ana Luiza Martins Costa<sup>8</sup>. Antes porém, é importante lembrarmos, nesse sentido, que quando Guimarães Rosa relê a *Ilíada* e a *Odisseia* em 1950 e faz anotações sobre o herói, ele havia testemunhado há poucos anos a guerra. Vice-cônsul na Alemanha, o escritor faz também anotações de 1939 a 1941 sobre a experiência, deixando claro seu estranhamento e sua decepção com o país que o recebia. Ele recolhe notícias, descreve o barulho das bombas, os toques de recolhimento, registra as placas que demarcavam na cidade os lugares interditados aos judeus ao lado do registro de seus passeios e curiosidades. Vê-se nesses escritos, como constatou Jaime Ginzburg<sup>9</sup>, uma percepção de que o risco de morte se aproxima à medida que a guerra se estende. Numa passagem, ele registra: "18. Maio (Domingo) = Na noite de 18 -> 19 = alarme, ataque aéreo. Bombas. Uma "lanterna" (corpo iluminante) caiu, ao lado da minha casa. Assustei-me, esperando bombas!"<sup>10</sup>

Na seção "Ilíada" do caderno de leitura de Homero (*Dante, Homero e La Fontaine*), em mais de uma passagem, leem-se citações de "A Hora e a Vez de Augusto Matraga". Na primeira delas, em referência ao Canto X, Guimarães Rosa copia a fala de Odisseu (Ulisses). Ele, como seus companheiros, em seu décimo ano de guerra contra os troianos, busca conter os elogios de Diomedes.<sup>11</sup> A fala de Odisseu, no entanto, é transcrita não após a referência ao nome do Laertiade, como era de se esperar, mas após a referência ao nome do personagem rosiano Joãozinho Bem-Bem, jagunço admirado no sertão, que mata Augusto Matraga sendo também morto por ele: "Joãozinho Bem-Bem:

8 MARTINS COSTA, Ana Luiza Borralho. Rosa, leitor de Homero. In: Revista USP, São Paulo (36), Dez/Fev. 1997-1999, p.46-73. E também: MARTINS COSTA, Ana Luiza Borralho. Homero no Grande sertão. Kleos (Rio de Janeiro), v. 5-6, p. 79-124, 2002.

9 GINZBURG, Jaime. Notas sobre o "Diário de Guerra" de João Guimarães Rosa. Aletria (UFMG), v. 20, p. 95-110, 2010.

10 ROSA, João Guimarães. Diário de Guerra de João Guimarães Rosa. Documento do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais. Consultado com autorização dos organizadores.

11 Uma das designações para as personagens masculinas dos poemas homéricos é ἥρωες (herói), um termo que, na épica arcaica, é polissêmico, mas que se refere, em termos gerais, a homens de uma época passada, distintos dos homens contemporâneos do poeta, sendo algo entre esses homens [ἄνθρωποι] e as divindades [θεοί]. Já na abertura da *Ilíada*, grandes guerreiros são chamados de heróis, uma vez que a cólera do melhor dos aqueus, o divino Aquiles, manda para o Hades a alma de tantos deles. Nesse mesmo universo épico, também homens não guerreiros são chamados de heróis, como Demódoco, o aedo feácio [ἦρω Δημόδοκω] (Od., VIII, 483). Além disso, recebem a mesma denominação entidades religiosas cultuadas em determinados espaços, aparentemente relacionadas aos primeiros (NAGY, 1980), embora não se possa ter certeza disso (PARKER, 2011). Velhos (Od. II, 15, 157; VII, 155; XI, 342), novos (Od. III, 415; IV, 21, 303; XV, 62, 131), guerreiros em geral (Il. I, 102; VI, 61; VII, 120, 322; XXIII, 896) são heróis segundo o poeta. O exército troiano é feito de "muitas falanges de heróis e muitas de cavalos" [πολλὰς δὲ στήλας ἡρώων, πολλὰς δὲ καὶ ἵππων] (Il. XX, 326). O aqueu é constituído de semideuses (Il. XV, 219, 230, 261, 702), que podem, no entanto, ser subjugados pelos deuses (Od. I, 100-1). Com isso, a impressão que se tem é a de que, na *Ilíada* e na *Odisseia*, todos os guerreiros são heróis, de tal maneira que os cantos estariam tratando especificamente de uma época heroica, em que os combatentes teriam sido semi-deuses. Fato é, porém, que alguns heróis são melhores que outros, merecendo uma atenção mais detida do poeta e ganhando, com isso, fama muito maior. Aquiles e Odisseu disputam entre si quem é o melhor dos aqueus [ἄριστος Ἀχαιῶν]; os grandes combatentes são comumente chamados de homens excelentes, nobres guerreiros, [ἄριστοι, ἀριστεύει]. Ver: NAGY, Gregory. *The Ancient Greek Hero in 24 hours*. Cambridge, London: Harvard University Press, 2013; NAGY, Gregory. *The Best of the Achaeans: concepts of the hero in Archaic Greek Poetry*. Revised Edition Gregory Nagy. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1980. Ver também: PARKER, R. *On Greek religion*. Ithaca; London: Cornell University Press, 2011. Para o texto da *Odisseia*: HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011. Para o mesmo em língua grega: HOMERUS. *Odyssey*, Ed. Peter von der Mühl, P. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962.

'My lord Diomedes', disse o all-daring excelente Odysseus, "there is no need for you to sing my praises, or to criticize me either, since you are talking to men who know me" ...<sup>12</sup>

Uma vez que a nota revela a associação entre Joãozinho Bem-Bem e Odisseu, Martins Costa encontra a transposição do diálogo no conto em questão: "Mas a gente nem pode mais ter o gosto de brigar, porque o pessoal não aparece, no falar de entrar no meio o seu Joãozinho Bem-Bem..."<sup>13</sup>. Joãozinho Bem-Bem, escutando tais palavras, interrompe-as dizendo: "Prosa minha não carece de contar, companheiro, que todo o mundo já sabe"<sup>14</sup>. Para a autora, essa seria uma evidência de que Guimarães Rosa traduziria a poesia épica que, convencionalmente atribuímos ao nome de Homero, numa linguagem do sertão, fazendo o herói sertanejo incorporar a fala e os valores do herói épico. O tema da morte gloriosa, caro à poesia épica, também estará presente no duelo de Bem-Bem e Matraga. O escritor faz ainda o seguinte registro ao ler um trecho do Canto XXI da *Iliada*: "(Joãozinho BEM-BEM e MATRAGA: importante! pg 387) IMPORTANTE (J. BEM-BEM): pg 388 ("Mano Velho" ...)"<sup>15</sup>. A passagem iliádica em questão refere-se ao momento em que Aquiles, o grande herói do poema em questão, sente estar próximo seu fim - um fim que não se confirma, mas que seria pouco glorioso e em nada parecido com o que lhe havia prometido sua mãe caso se confirmasse:

Zeus pai como é que nenhum dos deuses me ajuda nesta miséria  
e me salva do rio? Que eu sofra depois o que tiver de sofrer.

Para mim nenhum outro dos deuses celestiais é tão culpado  
como minha mãe amada, que me enfeitiçou com mentiras [ψεύδεσσιν  
ἔθελεγεν].

Ela que me disse que sob a muralha dos Troianos couraçados  
eu haveria de morrer por causa das rápidas flechas de Apolo.

Oxalá tivesse sido Heitor a matar-me, o melhor dos homens de lá:  
valor teria tido quem matara, valor teria tido quem fora morto.

[τὼ κ' ἀγαθὸς μὲν ἔπεφν', ἀγαθὸν δὲ κεν ἐξενάρτιξε]

Mas agora por uma morte miserável [λευγαλέφ θανάτφ] foi decidido que  
eu fosse

apanhado no grande rio, como um rapazinho tratador de porcos  
a quem arrasta a torrente invernososa que tentou atravessar.<sup>16</sup>

12 ROSA, João Guimarães. Documento E17 - Caderno de notas de leitura da *Iliada* e da *Odisséia*, das *Fábulas de La Fontaine* e da *Divina Comédia* Documento E17, Op. cit., seção "*Iliada*", p. 14.

13 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 391.

14 Idem.

15 ROSA, João Guimarães. Documento E17 - Caderno de notas de leitura da *Iliada* e da *Odisséia*, das *Fábulas de La Fontaine* e da *Divina Comédia* Documento E17, Op. cit., seção "*Iliada*", p. 25.

16 HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013, Canto XXI, v. 273-283. Para o texto grego:

A fala de Aquiles, especialmente a lógica própria à *bela morte*<sup>17</sup> que ela revela ["Oxalá tivesse sido Heitor a matar-me, o melhor dos homens de lá: valor teria tido quem matara, valor teria tido quem fora morto"], de fato, parece ressoar nas palavras de Joãozinho Bem-Bem à beira do fim: "– Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos..."<sup>18</sup>.

Assim, uma vez mais, Guimarães Rosa transformaria as palavras do herói homérico em fala do jagunço. Contudo, ao contrário da passagem referida em que Aquiles teme ser apanhado pelo rio e sofrer assim uma morte nada gloriosa, Joãozinho Bem-Bem antevê e afirma a glória de sua morte ("Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!..."), sendo seu valor reconhecido justamente por seu assassino, pois Augusto Matraga, ao perceber o desejo do povo que assistia à luta de "desfeitear o cadáver de seu Joãozinho Bem-Bem", grita forte: "– Pára com essa matinada, cambada de gente herege!... E depois enterrem bem direitinho o corpo, com muito respeito e em chão sagrado, que êsse aí é o meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!"<sup>19</sup>.

Ainda no caderno de leitura da *Ilíada*, em trecho do Canto XVI que concerne à disputa pelo corpo de Pátroclo, guerreiro que Aquiles tanto amava, o autor registra: "(A sacra luta pelos cadáveres. O horror à profanação dos mortos)"<sup>20</sup>. O escritor sinaliza ser de seu interesse o tema do tratamento a ser dado ao corpo do guerreiro morto, igualmente caro à *Ilíada*. Dentre outras passagens para além do Canto XVI, no Canto XVII (v.120-139), Heitor despe Pátroclo de suas armas, e o corpo deste só não é violado por ser, a tempo, protegido por Ájax; no Canto XXII, Heitor, em paga daquele ato, mesmo tendo suplicado a Aquiles antes do término da batalha a restituição de seu corpo à sua casa, não tem a súplica atendida:

[Aquiles] Perfurou atrás os tendões de de ambos os pés  
do calcanhar ao tornozelo e atou-lhes correias de couro,  
atando-os depois ao carro. A cabeça deixou que arrastasse.

Homeri Ilias, vols. 2-3, Ed. Allen, T.W. Oxford: Clarendon Press, 1931.

17 A bela morte, a morte do herói, que herda sua concepção da epopeia, mas que recebe esse nome [καλός θάνατος] das orações fúnebres da época clássica, revela o homem que aceita pagar com a vida por refutar abandonar o combate, e para ganhar fama eterna. Em Homero, é através do canto que o herói permanecerá vivo, o que explica sua disposição frente aos sacrifícios que acata. O elogio à bela morte no período clássico mostra, por outro lado, o quanto o ideal atravessa os séculos. A figura do herói, nesse sentido, conservará na história ateniense uma função poética. Ver: LORAUX, Nicole. Invenção de Atenas. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994. E também: LORAUX, Nicole. "Mourir devant Troie, tomber pour Athènes De la gloire du héros à l'idée de la cité". Social Science Information. December 1978 17: 801-817.

18 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op cit., p. 411.

19 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op cit., p. 412.

20 ROSA, João Guimarães. Documento E17 - Caderno de notas de leitura da *Ilíada* e da *Odisseia*, das *Fábulas de La Fontaine* e da *Divina Comédia* Documento E17, Op. cit., seção "*Ilíada*", p. 21.

Depois que subiu para o carro e lá colocou as armas gloriosas,  
chicoteou os cavalos, que não se recusaram a correr em frente.  
De Heitor ao ser arrastado se elevou a poeira, e dos dois lados  
os escuros cabelos se espalhavam; toda na poeira estava  
a cabeça que antes fora tão bela. Mas Zeus a seus inimigos  
o dera, para a vergonhosa profanação na sua própria terra.<sup>21</sup>

O procedimento de (des)respeito ao corpo sem vida do inimigo glorioso é, aliás, o que se vê em *Grande Sertão: Veredas* quando Riobaldo impede seus homens de enterrarem seu inimigo Ricardão, aliado de Hermógenes e um dos mais odiáveis, morto na batalha final do enredo, a Batalha do Tamanduá-tão: "Não enterrem esse homem!"<sup>22</sup>. De fato, a prática de manter o corpo do inimigo insepulto e mutilado, e que será aludida adiante, não é estranha à lógica de guerra do sertão histórico, sobre o qual João Guimarães Rosa mostra querer entender, seja em sua comunicação por cartas com o pai, seja em suas viagens de volta ao sertão.

Das histórias mais conhecidas<sup>23</sup>, conta-se que na cidade mineira de São Francisco, na última década do séc. XIX, após uma briga de bar, um jagunço foi atingido por um tiro. A bala teria acertado uma das pernas da vítima, que, no entanto, tendo deixado o bar, só teria sido vista no dia seguinte, numa lagoa, com o corpo sem vida, o rosto esfolado e as orelhas arrancadas. O criminoso seria, pelos testemunhos da peleja, o sobrinho do juiz local, chamado Antero Simões, que, não obstante, não teria tido a culpa apurada. Conforme o inquérito, a vítima já embriagada, teria morrido não em decorrência do disparo, mas de um afogamento no lago somado ao ataque de piranhas. Com isso, a Justiça faz por motivar a retomada do ciclo de vingança na região, personificada na mãe da vítima, que diz ao magistrado: "tenho fé em Deus, Dr. Antero, que as piranhas que comeram meu filho hão de comer os seus também"<sup>24</sup>.

De acordo com a esposa do juiz, Amasilia Attuá, em carta escrita no dia 30 de Abril de 1896, a cidade, depois do ocorrido, foi invadida por Joaquim Nunes Brasileiro e o bando dos Serranos. Os jagunços de Nunes Brasileiro cercaram a casa onde se encontrava Dr. Antero, tio do assassino, e seus dois filhos. Um deles conseguiu fugir, mas o outro morreu junto ao pai que "ainda agonizante (coisa horrível!!) foi esbofeteado, furaram-lhe os olhos, abriram-lhe o ventre, rejeitaram-lhe as mãos e tiraram com facas as orelhas, a língua e a pele das faces!!!"<sup>25</sup>. Os corpos do juiz, um de

---

21 HOMERO. *Iliada*. Op. cit., Canto XXI, v. 273-283.

22 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 574.

23 Conheci a presente história por meio da leitura da dissertação de mestrado de Marcela Telles Elian de Lima, defendida em 2006 na UFMG, sob orientação da Profa. Heloísa Starling, intitulada "Pelos margens do São Francisco: a trajetória histórica e ficcional de Antônio Dó". Ver: LIMA, Marcela Telles Elian de. *Pelos margens do São Francisco: a trajetória histórica e ficcional de Antônio Dó*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

24 BRAZ, Brasiliano. *São Francisco: nos caminhos da História*. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1977, p. 86.

25 Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais - Estado de Minas 26/08/1896.

seus filhos e alguns de seus aliados assassinados permaneceram insepultos, só tendo sido retirados quando o mau cheiro se tornou insuportável. Ainda assim, apenas um dos corpos foi inumado, enquanto os outros "foram atirados ao mato para pasto dos urubus"<sup>26</sup>.

### A tradição épica da *bela morte* e a *bela morte rosiana*

Na *Iliada*, não é a morte propriamente o que atormenta Aquiles, mesmo quando o melhor dos aqueus se encontra na iminência dela diante da fúria do rio, que quase o leva. Nem tampouco parece ser a morte aquilo que atormenta Heitor, o melhor dos troianos, quando ele sabe que pode ser assassinado por Aquiles. Não que o herói não a tema, mas, sabendo precisar enfrentá-la, ele parte para a batalha em defesa dos seus.<sup>27</sup> É a morte inglória [*ἀκλειῶς ἀπολοιμην*] o que mais aterroriza o herói épico. Aquiles e Heitor deploram a possibilidade de que sua morte não seja sucedida pela fama. Eles querem ser lembrados, querem que os homens vindouros, as novas gerações ouçam falar de seus feitos. Como antítese radical da vida, a morte que, implicaria, em princípio, a "nulificação da existência, a nadificação de tudo, a escuridão do Hades [para onde iriam as sombras dos mortos], ou, filosoficamente, a privação do ser"<sup>28</sup>, apresenta ao herói homérico uma solução. Somente tendo feito algo de grandioso, a morte fará com que o nome do guerreiro seja, para todo o devir, a razão e o esplendor de sua reputação. A morte do herói é, por isso, como indica Jean-Pierre Vernant<sup>29</sup>, o elemento último, que não só leva a cabo obviamente a vida do herói, como eleva e explicita sua qualidade por completo, constituindo irreversivelmente a identidade do herói, a ser lembrada pelos vindouros.

Agora está perto de mim a morte malévola; já não está longe,  
nem há fuga possível. Era isto de há muito agradável  
a Zeus e ao filho de Zeus que acerta ao longe, que antes  
me socorriam de bom grado. Agora foi o destino que me apanhou.  
Que eu não morra *de forma passiva* [*ἀσπουδί*] e *inglória* [*ἀκλειῶς*], mas  
por ter *feito*  
*algo de grandioso* [*μέγα ρέξας τι*], para que os vindouros de mim ouçam  
falar.<sup>30</sup>

26 Idem.

27 HOMERO. *Iliada*. Op. cit., Canto XXII, v. 483-487; VI, 365; XXIV, 725.

28 MURARI PIRES, Francisco. O ser divino e a condição humana. S/p. Disponível em: <http://www.ffch.usp.br/dh/heros/humancondition/ensaios/divinohumano.html>. Acesso em: 18 set. 2015.

29 VERNANT, Jean-Pierre. La belle mort et le cadavre outragé. In: VERNANT, J.-P. L'individu, la mort, l'amour. Soi-même et l'autre en Grèce Ancienne. Éditions Gallimard, 1989.

30 HOMERO. *Iliada*. Op. cit., Canto XXII, v. 300-305.



De fato, se o guerreiro morre sem ter realizado *algo de grandioso* [μέγα ῥέξας τι] na guerra que sela seu fim, ele se torna apenas mais um dentre os vários a quem o poeta dedica não mais que dois versos no instante da morte, que, aliás, realçam não propriamente a sua condição de herói, mas a condição heroica, então em construção, de seu algoz. Desse ponto de vista, seria possível afirmar que o que definiria o herói iliádico seria tanto a capacidade de matar (ato que supõe evidentemente ainda estar vivo o agente), como reivindica Teodoro Rennó Assunção<sup>31</sup> quanto a forma de sua morte, tal como proposto por Vernant.

Não obstante, mesmo que os feitos do herói épico sejam excelentes e parecem depender somente dele para se realizarem bem como parecem depender só dele para gerar sua própria fama, aquele que mata o grande guerreiro é também o responsável pelo renome de sua vítima através dos tempos. Isto é, a *bela morte* épica não é, de todo, solitária: o grande guerreiro se transforma em herói também, para além de seus grandes feitos, porque seu assassino legitima ou autoriza sua fama. Heitor morreu valentemente e Aquiles, que o matou, engrandeceu sua valentia por ser ele o maior herói aqueu. Isto é, Heitor morreu pelas mãos do maior, o mais excelente na guerra dentre seus inimigos. O mirmidão, por sua vez, sente-se ameaçado pelas águas do Escamandro, porque se morrer ali terá uma *morte miserável* [λευγαλέω θανάτω]. Afogado, apenas as águas seriam as responsáveis por sua efemeridade e nenhum grande herói iria dignificar sua morte ao mesmo tempo que exaltando, com ela e até ali, sua existência.

Dentre outros heróis, com Joãozinho Bem-Bem sobretudo, observamos a ideia de *bela morte* constituir o código heroico do sertão rosiano. É por isso que, vendo seu fim se aproximar, identificamos em sua fala algo que poderia ser associado ao sentimento de alívio. Ele morre nas mãos de Augusto Matraga, seu inimigo e o melhor, segundo diz, que ele já conhecera: "Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!"<sup>32</sup>. Sua morte assim é digna, está à altura de seus feitos enormes, é, enfim, bela. Ademais, não somente o ato de matar e morrer, em sua estória, serão marcas de sua grandeza, como sua morte e seu corpo morto deverão ser respeitados, a partir de então, por pertencerem, tanto a morte quanto o corpo morto, a um grande herói. Em outras palavras, para que se consolide a figura do herói rosiano parece ser imprescindível que ele seja sepultado devidamente e que também tal passagem de sua biografia, precisamente a do fim dela, seja marcada pelo respeito por seu corpo, constituindo sua memória. Por isso, o pedido de Augusto Matraga às gentes que rodeavam o combate, esperando a morte dos envolvidos: "enterrem bem direitinho o corpo, com muito respeito e em chão sagrado"<sup>33</sup>.

31 ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Nota crítica à "bela morte" vernantiana. *Clássica*. São Paulo, v. VII/ VIII, 1994-1995. p. 53-62.

32 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 411.

33 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 412.

Ora, há aí uma correspondência com a economia épica, evidenciada pelos cadernos de anotações de leitura do escritor, que Guimarães Rosa saberá trazer à tona novamente, dez anos depois, em *Grande Sertão: Veredas*. Desde o princípio do romance publicado em 1956, sabe-se que a morte é o alvo do guerreiro: a morte do inimigo, mesmo que para tanto, ela lhe cobre também o preço da vida. Os tiros que leva Ricardão confirmam-na enquanto elemento de construção da figura do herói, precisamente, por meio da já aludida interdição do sepultamento de seu corpo: "Não enterrem este homem!"<sup>34</sup>. Também o confirma a morte de Hermógenes, sobre cujo corpo não se pode ter certeza qual fim levou, pois nem mesmo sua mulher se encarrega de o preparar:

Agora um dizendo: que, com as ferramentas, uns estavam trabalhando de abrir covas para enterro, revezados. Alaripe fez um cigarro, queria dar para mim; que rejeitei. - "E o Hermógenes?" - aí foi o que o Alaripe perguntou.

Como estavam indo abrir aquele quarto, trazendo do corredor a mulher do Hermógenes. Ela visse. [...] - *A senhora conheça, dona, um homem demoiado, que foi: mas que já começou a feder, retalhado na virtude do ferro*. Aquela mulher ia sofrer? Mas ela disse que não, sacudindo só de leve a cabeça, com respeito de seriedade. - *Eu tinha ódio dele...* - ela disse; me estremecendo.<sup>35</sup>

A postura dos jagunços e mesmo da mulher diante do corpo de Hermógenes (o oposto do relato minucioso das etapas no preparo do corpo de Diadorim, que, por sua vez, por isso, nos lembram os funerais de Pátroclo no Canto XXIII da *Ilíada*) faz então, também por destacar seu fim do fim que levavam os outros guerreiros mortos, mesmo aqueles que, embora respeitáveis, nem de nome seriam aludidos pelo narrador: "- Mortos, muitos? - Demais..."<sup>36</sup>, responde João Curiol a Riobaldo, informado-lhe que alguns do bando trabalhavam para abrir as covas para o enterro. Para além da guerra, Riobaldo menciona a praga que matava aos borbotões, de morte banal (antítese da morte heroica), o povo do Sucruíú. Os mortos eram tão numerosos, que já não mais se enterrava seus corpos: "nem não estão enterrando mais os defuntos deles..."<sup>37</sup>. Há ainda a menção à força e à forma de se enterrar os corpos, mesmo que fossem corpos de criminosos, que, através dela, padeciam.

Ela foi num marrote, depois do São Simão do Bá, perto da banda da mão-

---

34 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 574.

35 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 613.

36 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 613.

37 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 401-402.

direita do Pripitinga. A estúrdia forca de enforcar, construída aprovada ali particularmente, porque não tinham recurso de cadeia, e a pajear criminoso por viagens era dificultoso, tirava as pessoas de seus serviços. Aí, então, usavam. Às vezes, da redondeza, vinham até trazendo o condenado, a cavalo, para a forca, pública. Só que um pobre veio morar próximo, quase debaixo dela, cobrava sua esmola, em cada útil caso, dando seguida cavava a cova e enterrava o corpo, com cruz. No mais nada.<sup>38</sup>

O narrador conta também, numa das estórias dentro da estória, de um morto, cujo corpo precisou ser abandonado dentro da capela, onde era velado, por motivo de ataque ao arraial. Antes da fuga, os moradores fecham a capela. Na volta, contudo, nenhum resto encontram: "Ali naquele lugar, o Carujo, no reabrirem, depois de uns meses, a igreja, o defunto tinha se secado sozinho..."<sup>39</sup>.

Na guerra do sertão, Riobaldo relembra quando o bando inimigo deixou para trás companheiros mortos. Antevendo a derrota e na pressa de salvarem a própria pele, ficam para trás três corpos e alguns feridos pelo bando de Zé Bebelo: "Mas fugiram. Largaram três mortos, uns feridos. Escaramuçados"<sup>40</sup>. Ainda que nesta passagem, que se trata da fala de João Concliz rememorada por Riobaldo, não se possa identificar um tom de reprovação, outras estórias nos confirmam o costume e a necessidade de respeito ao corpo morto, como uma espécie de pausa naquilo que aquele ambiente, o sertão, tinha de mais comum: o exercício da violência.

Ao resolver-se pela guerra de jagunços, Medeiro Vaz toca fogo na casa em que vivia, a fim de não deixar rastro para, sobretudo, proteger os restos de sua mãe. Ele desmancha a cerca e espalha as pedras que demarcavam o lugar onde o corpo dela havia sido enterrado. Apagando as marcas, sente ter protegido a sepultura da mãe: "pronto, de alívios agora se testava, ninguém podia descobrir, para remexer com desonra, o lugar onde se conseguiam os ossos dos parentes"<sup>41</sup>.

Mais duas mortes, ou, mais precisamente, dois episódios que narram os cuidados com o corpo morto apresentam as ações prescritas por esse que poderia ser chamado *código heroico do sertão*. O primeiro deles não chega a ser, de fato, o tratamento dado ao corpo morto, mas o tratamento que, segundo Riobaldo, seria o merecido e a ser dado a Marcelino Pampa, jagunço dos mais reputados. Em meio ao tiroteio, o corpo de Marcelino Pampa se quebra em dois, alcança o chão, larga tudo, vomita feixes de sangue. Aquele grande jagunço, porém, por força do calor da batalha, não poderia ser velado:

---

38 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 90-91.

39 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 518.

40 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 104.

41 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 60.

Mas Marcelino Pampa era ouro, merecia lágrimas dalguma mulher perto, mão tremente que lhe fechasse bem os olhos. Porque não se vê outro assim, com tão legítimo valor, capaz de ser e valer, sem querer parecer. E uma vela acêsa, uma que fosse, ali ao pé, a fim de que o fogo alumiar a primeira indicação para a alma dele - que se diz que o fogo somente é que vige das duas bandas da morte: da de lá, e da de cá... E eu peguei puxei o corpo para não ficar em cima dum vestígio de lama - porque ali de noite tinha chovido; e Diadorim panhou o chapéu-de-couro, com qual tapou o rosto do dono. A paz no Céu ainda hoje-em-dia, para esse companheiro, Marcelino Pampa, que de certo dava para grande homem-de-bem, caso se tivesse nascido em grande cidade. Ah pá-pá! falei fogo. Aquilo em volta se arrebatava, balalhava.<sup>42</sup>

A batalha continua, com muitos a matar e a morrer, dentre eles, Hermógenes, vítima já mencionada, e Diadorim. Com efeito, este último já havia declaradamente aberto mão de viver para vingar a morte de Joca Ramiro: "Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados..."<sup>43</sup>. Diadorim é morto. O fim de Hermógenes, especificamente o fim incerto que leva seu corpo, contrasta com o seu. Este, ao contrário daquele, é sepultado com honras e despedidas: seu corpo sem vida é lavado, vestido com a melhor peça que pôde ganhar e, entre suas mãos postas, deposita-se o escapulário de Riobaldo bem como um rosário. Põe-se velas. Acende-se velas. Abre-se a cova. Todos choram, e Riobaldo ordena a fim de proteger-lhe a tumba: - "Enterrem separado dos outros, num aliso de vereda, adonde ninguém ache, nunca se saiba..."<sup>44</sup>. Como Medeiro Vaz salvaguardara os restos de sua mãe, Riobaldo busca agora um lugar a não ser descoberto para os restos de seu grande companheiro, do qual ninguém pudesse se dar conta.

Cada uma das ações de preparar o corpo de Diadorim para o sepultamento reiteram, ainda, a inexistência do desejo de dar a Hermógenes um fim digno, merecido pelos heróis. Mais do que isso, demarcando a ausência de cuidados com o corpo morto de Hermógenes e de quem chore seu fim, justamente sua esposa será aquela a se encarregar, por vontade própria, das atenções com o corpo de Diadorim: "Ah, e a Mulher rogava: - Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes..."<sup>45</sup>.

Ainda o recurso às variantes no processo de elaboração de *Grande Sertão: Veredas*, apresentados no estudo de Cecília de Lara<sup>46</sup>, nos permite insistir no

---

42 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 598.

43 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 46.

44 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 616.

45 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 614.

46 Segundo Cecília de Lara, vários estágios desse processo podem ser constatados no primeiro e no segundo rascunho até que se configure a forma definitiva de *Grande Sertão: Veredas*. É através do estudo da autora, que nos baseamos aqui. Ele lida com o primeiro rascunho, o segundo rascunho, os originais enviados

argumento de que a *bela morte* rosiana e o tratamento ao corpo morto do jagunço, enquanto elemento que assinala sua *bela morte*, estão relacionados com a fama que os guerreiros irão (ou não) adquirir entre os vindouros. A morte de Hermógenes se apresenta num esboço contínuo quanto à sua caracterização nos vários testemunhos de redação do romance, desde sua versão primitiva, passando por seus rascunhos, até o texto publicado:

- "O Hermógenes está morto, remorto matado..." - quem falou foi o João Curiol. Morto... Remorto... O do Demo... Havia nenhum Hermógenes mais. Assim de certo resumido - do jeito de quem cravado com um rombo esfaqueante se sangra todo, no vão-do-pescoço: já ficou amarelo completo, oca de terra, semblante puxado escarnecente, como quem da gente se quer rir - cara sepultada... Um Hermógenes.<sup>47</sup>

A descrição da morte de Hermógenes na versão publicada em 1956 confirma a morte como sua extinção: "Havia nenhum Hermógenes mais". Mas sua descrição como fim inelutável do ser mantém-se dessa maneira desde o esboço inicial do autor, em que já se lê: "Morto... Remorto... O do demo. Havia nenhum Hermógenes mais". Completam-na, na versão de 1956, como que reiterando a finitude do ser através do cadáver, que se assemelha a qualquer outro corpo sem vida: "Já ficou amarelo completo, oca de terra, semblante puxado, escarnecente, como quem quer se rir - cara sepultada...".

Por outro lado, o trecho que narra a morte de Diadorim, mais especificamente o morto, sofre profunda alteração desde a versão primitiva à publicada. O autor ameniza a crueza da caracterização<sup>48</sup>, e, assim, demonstra um esforço, etapa por etapa, para dissimular a incorruptibilidade do personagem. No primeiro rascunho, lemos a seguinte exposição: "porque ele tinha falecido de um rombo esfaqueante no vão do pescoço, e é desse jeito que \*\*então eles (ms na ch) ficam, côr de cera, perdido o sangue todo ressurtido num repuxo só, de uma vez... Diadorim"<sup>49</sup>. Desse trecho da versão primitiva, em que vemos claramente a comparação do cadáver de Diadorim com qualquer morto ["e é desse jeito que \*\*então eles (ms na ch) ficam"] e resulta disso a admissão por parte do narrador de que Diadorim encontrava em sua morte também o seu definitivo fim, não resta nenhuma palavra. Assim, na versão que vai a público pela J. Olympio em 1956, o que lemos é uma narrativa não somente bem mais delicada que a dos originais, mas também mais obstinada em associar os traços de seu corpo não à sua

---

à editora J. Olympio e a edição J. Olympio de 1956. O acesso aos rascunhos foi facultado por Aracy M. de Carvalho e os originais e as provas se encontram conservados pela editora. Ver: DE LARA, Cecília. Grande Sertão: Veredas: Processos de criação. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 41-49, 2º sem. 1998.

47 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 612.

48 DE LARA, Cecília. Grande Sertão: Veredas: Processos de criação. Op. Cit.

49 ROSA apud DE LARA, Grande Sertão: Veredas: Processos de criação. Op. Cit., p. 47.

morte, mas ao reverso dela, sua permanência:

Sufoquei, numa estrangulação de dó. Constante o que a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de duráveis... Não escrevo, não falo! - para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim...<sup>50</sup>

Há um esforço evidente do narrador em destacar aquilo que se sobrepõe ao fim, que seria a morte, elevando Diadorim ao patamar daqueles que não se corrompem com a morte, "na direção do ser além da morte"<sup>51</sup>, através das expressões "os olhos dele ficados para a gente ver", "os cabelos com marcas de duráveis", "a beleza dele permanecia".

### **Do jagunço para o herói a ser lembrado pelos vindouros: a morte de Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem**

Desenvolvido o argumento sobre a morte do grande guerreiro no sertão rosiano e os cuidados devidos a seu corpo morto, é dada a hora de analisarmos a evolução do jagunço em questão, Joãozinho Bem-Bem, como meio de investigarmos ainda a construção da figura do herói rosiano dependente daquela que poderia ser chamada de *bela morte* rosiana em resposta à tradição épica. Posto que, na Grécia Arcaica, o esquecimento, o silêncio, a ausência de glória representam a verdadeira morte, a morte total<sup>52</sup>, e o herói, ao ser cantado, permanece verdadeiro, e, de alguma forma, vivo para as novas gerações, a estória de vida e de morte de Joãozinho Bem-Bem na ficção de Guimarães Rosa nos permite, não somente através de sua estória, mas também através de sua história nas cadernetas de Rosa, enxergá-lo, nas palavras de Martins Costa, de fato como uma transposição de Homero para o sertão, mas, mais que isso, como uma confirmação de que o herói permanece verdadeiro. A estória de Bem-Bem nos autoriza a enxergar a morte como o evento último que qualifica os feitos do grande guerreiro confirmando sua excelência e coroando-o herói, que, como os heróis épicos, merece ser lembrado e será lembrado.

50 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 614.

51 DE LARA, Cecília. Grande Sertão: Veredas: Processos de criação. Op. Cit., p. 47.

52 DETIENNE, Marcel. Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque. Paris: Librairie Générale Française, 2006.

Em "A hora e a vez de Augusto Matraga", conto que narra a morte de nosso personagem, podemos observar a relação entre a morte ou o corpo morto e a consolidação do renome do herói de distintas maneiras. Aquela que seria a primeira morte de Augusto Matraga, ainda Nhô Augusto Estêves, teve tudo para dar àquele homem a fama ruim que merecia, enfatizando-a pela forma da morte que nada teria de bela. Segundo o plano do Major Consilva, Nhô Augusto, então odiado, deveria ser levado para o rancho do Barranco e marcado na nádega, bastando depois "só jogar para baixo, pr'a nem a alma se salvar"<sup>53</sup>. Acreditado sem vida por seus ex-jagunços, Nhô Augusto recebe em sua carne a marca de ferro em brasa usada para carimbar o gado do Major, sinal capaz de informar a quem quer que visse o cadáver o mandante de sua morte. Com o susto e a dor do ferro quente, porém, Nhô Augusto, até então desacordado e, por isso, parecendo já morto, se arremessa no espaço, despencando da pirambeira. Dado como morto novamente, o mais que fazem os capangas é firmarem uma cruz no alto das moitas, onde, supostamente, aquele homem havia conhecido o fim de seus dias. Ninguém do bando desce o barranco para enterrá-lo, acreditando, por certo, que Nhô Augusto viraria pasto de rapina, como confirma o pensamento do "preto samaritano"<sup>54</sup> que lhe salva a vida: "como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubus vieram por causa do que eles estão pensando..."<sup>55</sup>.

A lógica deste sertão demonstra através da estória de uma personagem, mesmo que seja "uma estória inventada"<sup>56</sup>, que o fim como o que teria Nhô Augusto Estêves, no princípio do conto, jogado aos urubus na ribanceira, tendo recebido uma cruz apenas para proteção de seus assassinos, não o tornaria herói de renome: nem foram excelentes seus feitos em vida nem fora bela sua morte. Com efeito, Augusto Matraga não queria ser lembrado pela vida que levava até antes de quase morrer, dizendo-o no povoado do Tombador para um velho conhecido seu, de nome Tião da Thereza:

- "(...) Só te peço é para fazer de conta que não me viu, e não contar p'ra ninguém, pelo amor de Deus, por amor de sua mulher, de seus filhos e de tudo o que para você tem valor!... Não é mentira muito, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo... Não tem mais Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião..."<sup>57</sup>

A fim de que nada de sua vida anterior voltasse à memória dos homens, Augusto quis de Tião da Thereza o compromisso de que ele, mesmo tendo-o encontrado, não acordasse seus malfeitos, toda a ruindade com sua esposa, o descaso com sua filha e

---

53 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 375.

54 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 381.

55 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 377.

56 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 383.

57 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 384.

pecados outros na lembrança daqueles que o conheceram no passado, quando era o temido Nhô Augusto Estêves:

(...) em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda - no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul - ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. (...) Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enorme, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parece branca.<sup>58</sup>

Ao contrário disso, sua segunda morte, ou sua morte de fato, será o limite a partir do qual o que fez na segunda fase de sua vida merecerá ser lembrado pelos vivos, e com o seu consentimento. Devem passar a ser lembrados tanto seus feitos no Tombador, onde a todos servira, inclusive aos pretos velhos que lhe devolveram à vida resgatando-o do barranco, quanto, sobretudo, seus feitos no arraial do Rala-Côco, onde, para proteger um velho pai e seus filhos inocentes da vingança de Joãozinho Bem-Bem, havia matado-o e morrido como grande herói.

Já em seus últimos suspiros, Augusto Matraga recebe dos habitantes do arraial tratamento de piedade. Beijam-lhe os pés e tomam-lhe como santo, sem deixarem dúvida de que seu corpo quando sem vida será bem tratado. Também ele fica a saber nos instantes que antecedem seu passamento que sua memória será cultivada, pois diferentemente do desejo que revelara a Tião da Thereza de esconder da memória dos homens seus feitos hediondos, após matar Seu Joãozinho Bem-Bem, já transformado, o herói com o rosto radiante consulta a roda de gente que o assiste: "Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas!"<sup>59</sup>. Reconhece-o um primo seu, João Lomba, e o reconhecimento é a garantia de que seus novos feitos serão lembrados. Por isso, "Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento"<sup>60</sup>.

Se, com o desfecho do conto, temos a certeza que Augusto Matraga morre tornando-se herói, entrando para a mais alta classe do sertão, de Joãozinho Bem-Bem não sabemos tanto. Já vimos que, ao matá-lo, Augusto Matraga pede, antes de morrer ele também, que o corpo de seu amigo seja enterrado "bem direitinho e com muito

58 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 368-369.

59 ROSA, João Guimarães. Sagarana. Op. cit., p. 384.

60 Idem.



respeito e em chão sagrado"<sup>61</sup>. O fim que Matraga quer dar a Bem-Bem e que indica igualmente o que quer para si próprio, seria o fim merecido do herói, cuja *bela morte* e cujos belos feitos serão atestados pelo respeito ao corpo e pela sepultura. A expectativa do renome, do não esquecimento no conto, porém, recai sobre a figura de Matraga e não de Bem-Bem. É como se o pedido misericordioso e justo de Augusto mais enfatizasse sua própria grandeza que defendesse a grandeza do outro homem, mesmo que o buscasse defendê-la também - algo que, no limite, lembra-nos o procedimento iliádico já mencionado, em que os versos que narram a morte de guerreiros menores realçam não propriamente sua condição heroica, mas a condição heroica de seu algoz.

Apesar disso, em *Grande Sertão: Veredas*, publicado em 1956, dez anos depois de *Sagarana*, em que se narra outra estória inventada e também posterior no tempo à estória de Augusto Matraga, adivinhamo-lhe a cronologia, mesmo que fluida, porque, dentre outros motivos, os novos guerreiros do sertão tornaram-se testemunhas da fama de herói de Joãozinho Bem-Bem. Isto é, *Grande Sertão: Veredas* atesta que Bem-Bem, então já morto, conquistou fama de herói, renome, não tendo sido esquecido enfim. E para além de seus grande feitos, sua valentia na guerra, contou sua *bela morte*, ideal permanente, do qual testemunha o valor Riobaldo, já feito Urutú Branco: "Morresse - tive preguiça de pensar - mas, morresse, então morria três-em-pé, de valente: como o homem maior valente do mundo todo, e na hora mais alta de sua maior valentia! À fé, que foi"<sup>62</sup>. Diadorim, que igualmente não hesita em perder a vida para tirar o mesmo de Hermógenes, e que tem na *bela morte* de fato seu maior elogio ("Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados..."), segundo Riobaldo, "dava como exemplo a regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem - o sempre sem mulher, mas valente em qualquer praça"<sup>63</sup>. Como Diadorim, Zé Bebelo, outro dos grandes nomes daquele sertão, leva na lembrança seu panteão de guerreiros: "Meu exemplo, em nomes, foram estes: Joca Ramiro, Joãozinho Bem-Bem, Sô Candelário"<sup>64</sup>.

No *Grande Sertão*, Bem-Bem tornou-se legendário, sua figura, ao lado de outros heróis, associa-se à trama de uma tradição que se fortalece mais a cada geração, pois cada geração fornece a ela heróis mais atuais, tornando-a ainda mais consistente. É ainda Zé Bebelo, antes da morte de Joca Ramiro, quem diz que Joãozinho Bem-Bem, mais até que um exemplo, era o chefe a quem seguiria: "O único homem-jagunço que eu poderia aceitar, siô Baldo, já está falecido..."<sup>65</sup>.

Assim, se o romance de Rosa apresenta "ruínas, fragmentos, detritos,

---

61 ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Op. cit., p. 412.

62 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 571. A fala de Riobaldo, para que fique claro, não se refere a Joãozinho Bem-Bem, mas verbaliza, a seu modo, como fazem vários dos heróis rosianos, dentre eles Joãozinho Bem-Bem, a ideia de bela morte.

63 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 208.

64 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 294.

65 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 196.

resíduos"<sup>66</sup> daquilo que o projeto de modernização do país teria rejeitado por não conseguir ou não querer aproveitar, e apresenta, ao lado desses vestígios do tempo, as gentes do sertão, vaqueiros, tropeiros, prostitutas, doentes, e jagunços, uma gente, enfim, sem direitos e sem existência política na história do sertão rosiano, ele nomeia, como que em resposta à história, a estória dos grandes heróis de sua tradição, dentre eles Joãozinho Bem-Bem. Vindos do passado, o nome de Bem-Bem e de outros *antigos*<sup>67</sup> permanecem na memória dos guerreiros que, como Riobaldo, o Urutú Branco, almejam ser lembrados:

Querer o bom com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiari. Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para o concertar consertado. Mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo. Montanto, o mais supro, mais sério - foi Medeiro Vaz. Que um homem antigo... Seu Joãozinho Bem-Bem, o mais bravo de todos, ninguém nunca pôde decifrar como ele por dentro consistia. Joca Ramiro - grande homem príncipe! - era político. Zé Bebelo quis ser político, mas teve e não teve sorte: raposa que demorou. Sô Candelário se endiabrou, por pensar que estava com doença má. Titão Passos era o pelo prêço de amigos: só por via deles, de suas mesmas amizades, foi que tão alto se ajagunçou. Antônio Dó - severo bandido. Mas por metade; grande maior metade que seja. Andalécio, no fundo, um bom homem-de-bem, estouvado raivoso em sua toda justiça. Ricardão, mesmo, queria era ser rico em paz: para isso guerreava. Só o Hermógenes foi que nasceu formado tigre, e assassim. E o "Urutú Branco"? Ah, não me fale. Ah, esse... tristonho levado, que foi - que era um pobre menino do destino...<sup>68</sup>

Os novos jagunços da guerra do *Grande Sertão* se lembram dos heróis de outrora, lembram-se dos que merecem ser lembrados, dentre eles, Joãozinho Bem-Bem. Diz Riobaldo: "Aprendi dos antigos"<sup>69</sup>. Ele e seus companheiros querem, tal como os heróis que os antecederam naquela guerra sem fim, alcançarem fama, mas, porque os têm como norte, fazem com que sua estória seja ainda estória viva. Morrem os homens, Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Joãozinho Bem-Bem, mas fica deles o renome, a *estória inventada*.

É certo que, graças às anotações do autor sobre a poesia épica, feitas muito provavelmente em 1950, podemos identificar as confluências entre os personagens

---

66 STARLING, Heloisa. IUPERJ. *Membranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Revan; UCAM/IUPERJ, 1999, p. 16.

67 Diferentemente de Marcelino Pampa, que recebe do narrador, senão o enterro devido, ao menos a tristeza de não o poder fazer, e é "homem de ouro", Hermógenes, é "retalhado na virtude de ferro". Somando-se as referências ao outro e ao ferro, às repetidas passagens em que Riobaldo fala "dos antigos", parece razoável supor que o autor estabelece um diálogo com a tradição grega, para além da *Iliada* e da *Odisséia*, e neste caso, obviamente, com *Trabalhos e Dias*, deixando seu texto permeado de sinais. A discussão é relevante e será apresentada em outra ocasião.

68 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 32-33.

69 ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Op. cit., p. 404.

iliádicos e os personagens rosianos no conto "A hora e a vez de Augusto Matraga", cuja publicação em *Sagarana*, não obstante, antecede em quatro anos a (re)leitura da *Iliada* que geraria tais anotações e, com isso, aponta para um conhecimento anterior do autor em relação a Homero (que indiretamente se confirma com a tradução da *Iliada* e da *Odisseia*, encontrada na Biblioteca Pessoal do autor, adquirida durante sua estada na Alemanha entre 1938 e 1942, em que se lê, na contracapa, o registro: "Guimarães Rosa. Hamburgo, 27/8/1940"). Mas é possível irmos além das confluências entre a *Iliada* e o conto "A hora e a vez de Augusto Matraga", que nos conta a saga de Augusto Matraga e, com ela, a saga de Joãozinho Bem-Bem e, nesse sentido, irmos também além daquilo que propõe Ana Luiza Martins Costa em relação ao conto de *Sagarana*: "Guimarães Rosa traduz Homero em linguagem de sertão, fazendo Joãozinho Bem-Bem incorporar a fala e os valores do herói épico"<sup>70</sup>.

Guimarães Rosa, ao confirmar a fama de Bem-Bem no *Grande Sertão: Veredas*, publicado apenas em 1956, não só transporta Homero para o sertão. O escritor atualiza o herói (*falsificando-o*) no sertão. Explicando à pergunta do próprio narrador: "Como é que se pode gostar do verdadeiro no falso?"<sup>71</sup>, ele demonstra os mecanismos de funcionamento da tradição épica que opta por atualizar, o que é mais que *transportar*, interna e externamente. Internamente, porque através da estória de seus novos jagunços, vemos como eles próprios, lembrando-se de heróis do passado, são capazes de salvá-los do esquecimento, tornando-os verdadeiros, em alguma medida vivos, numa *estória inventada*, capaz de forjar *as formas do falso*. Isto é, há um trabalho de memória elaborado internamente pela ficção que reinventa a ideia de herói. Externamente, porque através da história de criação desses personagens, a qual acompanhamos um pouco por meio de suas anotações de leitura da *Iliada* e da *Odisseia*, Guimarães Rosa lembra-se, ele também, dos antigos, salvando-os igualmente do esquecimento. O oblívio compartilhariam poetas e heróis se o silêncio os tivesse matado, o que apresenta um movimento da memória próprio à tradição, mas não engessado por ela. Tanto o narrador quanto o autor sabem, confirmando o que almejam os heróis, antigos e modernos, que lembrar é torná-los vivos, porque fazem, narrador e autor, o contrário do que ameaçam: "Não escrevo, não falo! - para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo!"<sup>72</sup>.

Recebido em 12 de março de 2018.

Aprovado em 19 de junho de 2018.

---

70 MARTINS COSTA, Ana Luiza Borralho. Homero no Grande sertão. Op. cit., p. 89.

71 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 77.

72 ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Op. cit., p. 614.